

# W. H. Auden – A carta

Desde a primeira descida a um novo  
Vale, com um franzir de sobrolhos  
Por causa do sol e dos extravios,  
Nele ficas, por certo: hoje ouvi o  
Grito de um pássaro inopinado  
Contra a tempestade, eu agachado  
Atrás de um redil de carneiros; vi  
O arco do ano completar-se e aí  
Refazer-se o gasto giro do amor,  
Sem fim nem desvio enganador.  
Há de ver, há de passar, como vimos  
A andorinha no teto, o verdeprimo  
Arrepio da primavera, passou  
Um trem solitário, que encerrou  
As manobras de Outono. Mas ei-la,  
Interrompendo a reflexão caseira,  
O pensamento afeito ao entardecer,  
A carta, a tua voz mesma a dizer  
Muitas coisas, mas não que regressas.

O dedo não dorme, a fala não cessa  
Quando amor recebe, bem amiúde,  
Uma injusta resposta que o ilude.  
Eu, a par das estações, vou indo  
Sempre vário e com um amor distinto;  
Não questiono em demasia o aceno  
E o sorriso pétreo deste ameno  
Deus rústico que tem receio, sempre,  
De dizer algo mais do que pretende.

**W. H. Auden, Poemas**